

Saussure: a alguns passos da enunciação

Claudia Toldo¹

Débora Facin²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir os conceitos de língua, linguagem e signo a partir de uma concepção semiológica envolvendo o encontro de dois grandes nomes da linguística moderna: Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. O aporte teórico que ampara esta reflexão constitui-se pelos Escritos de Linguística Geral e pelo Curso, bem como pelos artigos Estrutura da língua e estrutura da sociedade e Semiologia da Língua, que se encontram no segundo volume dos Problemas de Linguística Geral. O caminho pretendido procura mostrar que a presença do homem na língua e na linguagem se dá muito antes de Benveniste tomar a língua como uma prática social. Ainda que a dedicação de Saussure tenha recaído ao estudo da língua enquanto unidade de um sistema que funda a ciência linguística, garantindo a esta a autonomia epistemológica, os seus escritos, sobretudo as discussões voltadas ao valor do signo, fazem com que nos distanciemos cada vez mais de leituras que insistem em conceber a linguística tão somente amarrada à matéria significante da língua.

Palavras-chave: Signo. Língua e linguagem. Semiologia da língua. Enunciação

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora e Coordenadora do PPGL – Doutorado e Mestrado em Letras na Universidade de Passo Fundo.

² Doutoranda e Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Especialista em Linguística e Ensino pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Especialista em produção e revisão de textos pela Universidade Regional de Chapecó; Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

Primeiras palavras

Este texto tem o objetivo de (re)tomar Ferdinand de Saussure e alguns conceitos instituídos a partir de então [dele], percebendo o que isso significa para os estudos linguísticos quando se olha para pesquisas que tomam a língua/linguagem como objeto de pesquisa e de análise.

Não queremos aqui – nem é nossa pretensão – (re)inventar uma discussão, diante de tantas já existentes e de qualidades indiscutíveis e algumas até inalcançáveis para nós neste momento, mas retomar algumas: pela importância, pela necessidade, pelo dever enunciativo.

Essas elaborações sobre o signo, sobre a língua, sobre a linguagem, sobre o homem, sobre a sociedade inscrevem-se aqui no intuito de mostrar que há muito tempo se fala disso. Muitas elaborações sobre esses conceitos percorrem os estudos da linguagem. De elaborações primárias, a outras mais elaboradas. Mas queremos aqui nos colocar a pensar a língua – inicialmente pelo signo – a partir de uma perspectiva: a de Ferdinand Saussure a um passo da enunciação. Qual enunciação? A da semiologia da língua de Émile Benveniste. À tentativa deste caminho.

Justificamos ainda nossa reflexão e o levantamento destes recortes feitos, que a seguir trazemos, e não outros, baseando-nos na questão que o próprio Saussure (2002, p. 127) fez na Primeira Conferência ministrada em Genebra, em 1891: “Vocês pensam seriamente que o estudo da linguagem teria necessidade, para se justificar ou para se desculpar por existir, de provar que é útil às outras ciências?”. Acreditamos que o estado de mudez diante de tal pergunta continua, mas ao mesmo tempo a ânsia em respondê-la ou ao menos pensá-la, também continua e continua desafiadora. Afinal, o próprio Saussure (2002), na mesma Conferência, momentos depois, afirma:

[...] o homem sem a linguagem seria, talvez, ‘o homem’, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos, porque a linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar desenvolver, em algum sentido, suas faculdades nativas (SAUSSURE, 2002, p. 128).

Então, é dessa língua e dessa linguagem que são do homem de que tratou Saussure que queremos pontuar nas reflexões que organizam este texto, chegando numa relação que,

no momento, nos é muito cara: este homem na língua, preconizado por Émile Benveniste, em sua linguística da enunciação. Para isso, organizamos a discussão teórica em três momentos: o primeiro, dedicado a Saussure, apresenta a relevância de seus fundamentos a partir dos quais se edifica a linguística moderna. O segundo ampara-se sobre as noções de arbitrariedade e valor do signo; é a partir desse último aspecto que organizamos o terceiro momento: *a língua, um lugar outro – o da enunciação* –, tendo como cerne o princípio semiológico do sistema linguístico.

Ferdinand de Saussure: uma reflexão inicial

Indiscutivelmente, o genebrino Ferdinand de Saussure, no início do século, tornou possíveis os estudos da Linguística enquanto ciência da linguagem no século XX. Preocupado com o comportamento humano no que diz respeito aos fatos sociais como parte de um sistema de convenções e valores sociais que capacitam os homens a viverem em sociedade, a comunicarem-se entre si e observar a necessidade de uma teoria geral dos signos, iniciou os estudos da Semiologia e ofereceu contribuições importantíssimas à Linguística, às ciências sociais em geral.

Acreditamos poder dizer que a influência primordial de Saussure na Linguística moderna está baseada em algo que ele nunca escreveu. Foi entre 1907 e 1911³ como professor na Universidade de Genebra (após vários estudos e aulas ministradas em Paris e Berlim), onde ministrou seus três cursos de Linguística Geral, que efetivamente Saussure fez avançar os estudos da Linguística. Seus estudos eram fundamentados em seu descontentamento com as reflexões que se faziam na época sobre a natureza da linguagem. Ele questionava seus antecessores porque acreditava que eles não pensavam de forma mais pertinente sobre o que estudavam. Ele criticava os gramáticos comparatistas e os filólogos da época, dizendo que eles nunca conseguiram criar uma verdadeira Linguística, porque não se preocuparam em determinar a natureza do objeto que estudavam e não se perguntaram qual era a importância das relações que descobriam. O método deles foi mais que histórico, foi exclusivamente comparativo, como se houvesse um modelo abstrato universal, um conjunto de fendas e lacunas que cada língua tinha de preencher com alguns

³ Esse momento compreendeu a realização dos Cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra. O primeiro curso realizou-se no período de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907; o segundo da 1ª semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 e o terceiro de 28 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911.

elementos, misturando, dessa forma, as perspectivas sincrônica e diacrônica da língua. A tarefa sincrônica seria mostrar como, em determinado estágio do desenvolvimento de uma língua, os elementos históricos eram organizados num sistema próprio dessa língua.

O rigor com que Saussure elaborava suas concepções e críticas impediram-no de publicar seus estudos. Isso pode ser comprovado neste trecho tirado de uma carta⁴ de Saussure, citada em Culler (1979), escrita em 1894 a Antoine Meillet sobre um artigo que entregara a um editor:

[...] mas eu estou aborrecido com tudo isso, e com a dificuldade de escrever sequer dez linhas sensatas a respeito de assuntos lingüísticos. Por longo tempo estive, acima de tudo, preocupado com a classificação dos pontos de vista a partir dos quais nós os tratamos: e estou cada vez mais consciente da imensa quantidade de trabalho que seria necessária para mostrar ao lingüista o que ele está fazendo... A total inadequação da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, para fazê-lo, de demonstrar que espécie de objeto é a linguagem, continuamente deteriora meu prazer pela filologia, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro que o de ser obrigado a refletir sobre a natureza da linguagem em geral. Isto me levará, contra minha vontade, a um livro no qual explicarei, sem entusiasmo nem paixão, porque não há um único termo usado em Lingüística que tenha qualquer significado para mim. Só depois disso, confesso, serei capaz de recomeçar meu trabalho a partir do ponto em que o interrompi (CULLER, 1979, p. 9).

Esse fragmento da carta explica por que Saussure nunca escreveu esse livro. Com sua morte em 1913, colegas, admiradores e ex-alunos, os editores⁵, mobilizaram-se para reunir escritos, notas, observações das aulas dos três cursos ministrados em Genebra. Em 1916, publicaram, então, o *Cours de Linguistique Générale*, organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, contando com a colaboração de Albert Riedlinger. Em virtude de o *Curso* não ter sido escrito pelo próprio Saussure, algumas críticas são feitas aos seus editores quanto a certas liberdades que tomaram em fazer algumas interpretações e em citar certos exemplos para determinados conceitos que não teriam sido dados por Saussure. Mesmo assim, reconhece-se o admirável trabalho de Bally e Sechehaye em ter a coragem de tornar público o que Saussure julgava significativo e fundamental no estudo da linguagem, deixando um universo de possibilidades para que se aprofundem, enriqueçam e avancem suas pesquisas no mundo da linguagem humana. Quem sabe o destino da Linguística teria sido outro se os organizadores do *Curso* não tivessem tido a ousadia de publicar os cursos

⁴ Carta de 4 de janeiro de 1894, em “Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet”, *Cahiers Ferdinand Saussure* 21, de 1964 (CULLER, 1979).

⁵ Testemunhos da inauguração de uma linguística que deu rumo a uma história que contamos e inventamos e fazemos até hoje. Agora, por exemplo. Mas essa é outra história – a dos editores serem testemunhos, conceito desenvolvido pelo italiano Giorgio Agamben.

ministrados em Genebra, os cursos a que assistiram, *a que testemunharam*. Indubitavelmente, os ensinamentos de Saussure colocados no *Curso* marcam o lugar desse linguista na história da Linguística Moderna.

No século XVIII, os estudiosos preocupavam-se com categorias mentais e buscavam exemplificá-las na linguagem. No século XIX, a preocupação era com questões históricas. Buscaram-se fatos, indícios, demonstrações, separando o estudo da linguagem do estudo da mente. Com isso, o século XIX perdeu o interesse pela palavra como um signo ou uma representação e passou a vê-la como uma forma que deveria ser comparada a outras formas para estabelecer relações entre línguas, tomando-as como sistemas comparáveis. O mais importante nesse momento da Linguística era observar a forma cuja evolução histórica cumpria traçar. O objeto de estudo da Linguística no século XIX não era mais o signo como uma representação cuja base racional (relação com a mente) devesse ser desvelada e/ou aprofundada, mas a forma cujas semelhanças e elos históricos com outras palavras devessem ser descobertas. Iniciava-se um processo de ver a língua como sistema que se coloca em funcionamento.

Saussure opõe-se justamente a esse tratamento dispensado à Linguística. O linguista Émile Benveniste (2006a [1968], p. 14), em entrevista a Pierre Daix, comenta:

Saussure recusava quase tudo o que se fazia no seu tempo. Ele achava que as noções correntes não tinham base, que tudo repousava sobre pressupostos não verificados, e sobretudo que o lingüista não sabia o que fazer. Todo o esforço de Saussure é a exigência que ele pôs de ensinar ao lingüista o que ele faz. De lhe abrir os olhos a propósito do procedimento intelectual que ele realiza e a propósito das operações que pratica quando, de uma maneira um tanto instintiva, ele raciocina sobre as línguas ou as compara, ou as analisa. [...] é aí que Saussure colocou as definições que hoje se tornam clássicas, sobre a natureza do signo linguístico, sobre os diferentes eixos segundo os quais é necessário estudar a língua, a maneira pela qual a língua se nos apresenta (BENVENISTE, 2006a [1968], p. 14).

Retornando às preocupações do século XVIII, percebendo-as, agora, com um refinamento diferente e bem maior que seus antecessores, Saussure, primeiramente, abordou o problema do signo, concebendo a linguagem como uma ordem de representação; destacou que uma forma linguística não pode ser definida se não for tratada como signo; considerou que os signos são constituídos apenas por suas relações com outros signos, não podendo estudá-los individualmente como representações; (re)estabeleceu a relação entre o estudo da mente e da linguagem, considerando que o

estudo da linguagem revela que a mente não é um conjunto de percepções primitivas ou ideias naturais, mas operações estruturadoras e diferenciadoras gerais pelas quais se faz com que as coisas signifiquem.

Os estudos do século XIX, embora na sua grande essência tenham sido criticados por Saussure, trouxeram uma questão importante aos estudos linguísticos: comparar línguas por meio de modelos formais de elementos gramaticais, através dos quais as palavras se unem e se diferenciam, foi significativo para uma melhor compreensão da noção de língua como sistema – um sistema de formas governadas por suas próprias leis – formal e autônomo, como objeto de conhecimento. Ela não é mais estudada como a própria forma do pensamento, como uma representação da relação da mente com o mundo.

Nesse período, o método usado foi a comparação. O objetivo dos gramáticos comparatistas era a demonstração de afinidades entre formas, usando como princípio metodológico fundamental a questão de que as analogias entre os sistemas flexíveis eram o critério da relação linguística. Saussure critica esses gramáticos (sem negar o mérito de seus estudos) no que diz respeito a eles não conseguirem, efetivamente, fundar uma verdadeira Linguística, por não se preocuparem em determinar a natureza do objeto que estudavam e nem se perguntarem qual era a importância das relações que descobriam, uma vez que o método foi o histórico e essencialmente o comparativo. Isso traz o problema de não se terem definido questões sincrônicas e diacrônicas no/do estudo da linguagem.

Em Depecker (2012) encontramos uma reflexão interessante acerca disso, quando ele sublinha a Primeira Conferência de Saussure na Universidade de Genebra, em novembro de 1891. Depecker (2002, p. 31) destaca: “o objetivo da linguística é então o de examinar as leis gerais da linguagem”. Isso só é possível entender se retomarmos os Escritos e a Primeira Conferência, novembro de 1891, e observar as palavras de Saussure (2002):

E, fenômeno notável, as observações teóricas que trazem aqueles que concentraram seus estudos em tal ou ramo especial, como o germânico, o românico, são muito mais apreciadas e consideradas do que observações dos linguistas que abraçam uma série maior de línguas. Percebe-se que o último detalhe dos fenômenos é também sua razão última e que, assim, a extrema especialização pode servir eficazmente à extrema generalização (SAUSSURE, 2002, p. 129).

Isso mostra que uma generalização dessas comparações dos fatos linguísticos observados é a que Saussure se referia. É disso que se observa para se compreender os fatos da linguagem. Como diz Depecker (2012, p. 31) o linguista não pode se resumir a ser um “comparador”, mas a um “generalizador”. É disso que Saussure se referia, quando criticava seus colegas linguistas da época.

Estudos posteriores – principalmente os dos neogramáticos – foram mais significativos para esse século XIX, porque foram mais bem encaminhados. Entre eles: mudanças sonoras são vistas como conseqüências de uma mudança no sistema de realização, porém o fato em si não modificaria as palavras; os resultados de estudos comparativos são postos numa ordem histórica, tentando explicar os resultados das comparações; a analogia ganha um espaço respeitável por realmente descrever a formação de determinadas palavras, mesmo ainda não deixando claras as noções de sincronia e diacronia nesse procedimento, por dar excessiva importância à perspectiva histórica e não reconhecer a natureza sistêmica, gramatical do fenômeno que estudavam. Benveniste (2006c [1968]) resgata um posicionamento de Saussure sobre a importância dos estudos sincrônicos:

[...] a linguagem, no seu funcionamento, não conhece nenhuma referência histórica: tudo o que dizemos está compreendido num contexto atual e no interior de discursos que são sempre sincrônicos. Nenhuma parcela de história se mistura ao uso vivo da língua (BENVENISTE, 2006c [1968], p. 32).

Saussure, ao abordar novamente o problema do signo, percebeu que a representação, mais que a história, é a base de uma disciplina para que se possa distinguir o pertinente do não pertinente, o funcional do não funcional. Assim, o linguista genebrino retornou à noção de representação. Saussure sustentava que a Linguística era um ramo da Semiologia, a ciência geral dos signos e dos sistemas de signos. Antes dele, dizia-se que a Linguística não pertencia nem às ciências naturais, nem às ciências históricas, mas à Semiologia. De acordo com o *Curso*,

[...] a tarefa do lingüista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. [...] Para nós [...] o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico [...] Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem (SAUSSURE, 2006, p. 24-25).

A Semiologia baseia-se na suposição de que, na medida em que as ações ou produções humanas exprimem significado e na medida em que elas funcionam como signos, deve haver um sistema subjacente de convenções e distinções que torna possível esse significado. Pode-se dizer que onde há signos há sistema e, então, há relação, há arbitrariedade, há convenção.

Verifica-se essa preocupação em Saussure no *Curso*:

[...] quando a Semiologia estiver organizada, deverá averiguar se os modos de expressão que se baseiam em signos inteiramente naturais – como pantomima – lhe pertencem de direito⁶. Supondo que a Semiologia os acolha, seu principal objetivo não deixará de ser o conjunto de sistemas baseados na arbitrariedade do signo. Com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção. [...] Pode-se dizer que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico; eis porque a língua, o mais completo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos; nesse sentido a Linguística pode erigir-se em padrão de toda Semiologia, se bem que a língua não seja senão um sistema particular (SAUSSURE, 2006, p. 82).

Verifica-se que, se os signos fossem naturais, não haveria o que analisar. Mas se convencionais, serão pesquisadas as convenções em que se baseiam, revelando o sistema subjacente que torna tal signo no que é. Essa afirmação supõe uma outra: onde há conhecimento, há um sistema subjacente a ser explicado. Justificam-se tais reflexões através do fato de que, se os significados atribuídos a objetos ou ações de um grupo de indivíduos de uma mesma cultura não são fenômenos casuais, então deve haver um sistema de signos – então semiológico – de categorias e regras distintas de combinação.

A Semiologia, portanto, nasceu de um projeto de Saussure que tinha como objeto de estudo a vida dos signos no seio da vida social (línguas naturais, imagens, gestos, códigos de estrada, ritos, costumes). Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a Linguística está incluída na Semiologia, mas Saussure sublinha que existe um paradoxo, porque a Semiologia pressupõe a Linguística.

⁶ Comentário de Tullio de Mauro (1967, p. 100-101), nota 139.

O signo linguístico e a arbitrariedade – a língua

Saussure preocupou-se com a natureza do signo linguístico, descrevendo-o como uma entidade de duas faces indissociáveis que unem um sentido⁷ a uma imagem acústica⁸. Então, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces. Pode-se pensar em dois elementos que estão intimamente ligados e um reclama o outro, são interdependentes e inseparáveis.

Logo, o significante não existe fora de sua relação com o significado, pois o mesmo movimento relacional cria e institui um e outro. Esses conceitos não podem ser pensados separadamente em hipótese alguma. Então, desde já, pensa-se o signo linguístico – na sua origem – como sendo duplo.

Uma das propriedades do signo linguístico é a sua arbitrariedade, isto é, a relação entre seus constituintes é imotivada. Saussure (2002), no *Curso*, diz que

[...] arbitrário não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha de quem fala, porque não está no alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico; ele insiste em dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2002, p. 82).

Quanto à noção de arbitrariedade, percebe-se a preocupação de Saussure em deixar claro que o signo linguístico não une um objeto a um nome, a um rótulo, como se a tudo que estivesse no mundo, na “realidade” pudesse se dar uma etiqueta. O signo linguístico une sempre uma imagem acústica a um conceito, a uma ideia, a uma evocação psíquica e não a uma coisa. O significado não é, pois, uma “coisa”, mas uma representação psíquica “dessa coisa”. Portanto, as duas faces implicadas (significante e significado) no signo linguístico são ambas psíquicas e estão unidas, como diz Saussure, no cérebro humano por um vínculo de associação, trazendo pelo significante um plano de expressão e pelo significado um plano de conteúdo – o que difere da significação, que é um processo, um ato que une o significante e o significado, cujo produto é o signo. Isso faz com que o

⁷ Para Saussure, sentido é o mesmo que conceito, isto é, a representação mental de um objeto ou de uma realidade social em que o indivíduo se situa. Destaca-se que essa representação está condicionada pela formação sociocultural que cerca o indivíduo a todo momento.

⁸ Para Saussure, conforme o *Curso*, a imagem acústica não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som. Usando as palavras de Carvalho (2000, p. 27), lembra-se que, mais tarde, Jakobson e a Escola Fonológica de Praga iriam estabelecer definitivamente a distinção entre som material e imagem acústica. O primeiro tornou-se objeto de estudo da Fonética e o segundo, consagrado objeto de estudo da Fonologia.

conceito de signo para Saussure se diferencie de conceitos mais clássicos que o consideram como coisa e como referencial.

Quanto a esse princípio da teoria saussuriana – a arbitrariedade do signo linguístico –, interpreta-se, comumente, que o signo linguístico é arbitrário, por não haver nenhum elo intrínseco entre o significado e o significante. Então, o fato de a relação entre significante e significado ser arbitrária significa que, como não existem conceitos universais fixos ou significantes universais fixos, o significado em si é arbitrário, assim como o significante, ou seja: ambos os conceitos são entidades puramente relacionais ou diferenciais. Porque são arbitrários, são relacionais.

Simon Bouquet (1997), leitor dos manuscritos de Saussure, enfatiza a importância do conceito de arbitrariedade – elaborado pelo linguista genebrino – por esse sustentar o conceito de valor. Bouquet critica os editores do *Curso de Linguística Geral*, por não ficarem atentos à ambiguidade da palavra “signo” substituindo proposições de Saussure (conferidas nos manuscritos) por formulações particulares e destaca que arbitrário

[...] é empregado por Saussure para se referir a duas relações bem distintas: ele vale, de um lado, para a relação interna do signo, entre significado e significante; vale de outro lado, para a relação que une entre eles os termos do sistema de uma língua dada (BOUQUET, 1997, p. 234).

Essas questões ganham importância uma vez que os conceitos de signo e de arbitrariedade do signo desencadeiam diversas posturas teóricas. Saussure atribuiu grande importância ao fato de a linguagem não ser uma nomenclatura, pois uma língua não atribui apenas nomes arbitrários a um conjunto de conceitos aleatórios. Sabemos que língua estabelece, por um lado, uma relação arbitrária entre significante de sua própria escolha e, por outro lado, arquiteta significado também de sua própria escolha. Esses elementos (significante e significado) fazem parte de um sistema e se definem por suas relações com os outros do sistema, determinando as unidades e as regras de combinações que constituem o sistema linguístico. Assim, ao estudar a língua como um sistema de signos, está-se dando importância a seus traços essenciais, ou seja, àqueles elementos decisivos para a função significante da língua, ou melhor, os elementos que são funcionais dentro do sistema em que criam signos, distinguem-se uns dos outros. Eis aí a questão de semelhanças e diferenças da/na língua.

Todas essas considerações feitas sobre a questão da arbitrariedade do signo linguístico evocam, suscitam uma outra, primordial na teoria saussuriana da linguagem: a língua é forma, não substância, uma vez que a língua é um sistema de valores mutuamente relacionados. Analisar uma língua é justamente expor seu sistema de valores. Necessita-se identificar as relações e as oposições que delimitam os significantes, por um lado, e os significados, por outro, para que se possa constituir o signo linguístico que emerge da rede de diferenças que constitui o sistema linguístico.

Podemos detectar uma questão central nos estudos de Saussure: ao observar a linguagem, estão sendo analisados fatos sociais, pois o importante são as distinções e as relações que foram dotadas de significado por uma sociedade. Saussure (2002, p. 154), quando retoma reflexões sobre a língua, chama a atenção que o objetivo da linguagem, que é se tornar inteligível, é de absoluta necessidade em qualquer necessidade humana, uma vez que ela é própria de toda sociedade. São essas relações possíveis pela língua sistematizada, estudada, generalizada por Saussure que queremos nos ocupar. É dessa língua movimentando a comunidade humana, como dizia Saussure, que queremos olhar.

Isso faz com que um linguista estude não grandes coleções de sequências sonoras, mas um sistema de convenções sociais. Evidencia-se que uma das virtudes da teoria saussuriana é o fato de ter colocado as convenções sociais e os fatos sociais no centro da investigação linguística. Saussure sempre acentuou a importância de adotar-se a perspectiva metodológica correta e de ver a linguagem como um sistema de valores socialmente determinados e não como uma coleção de elementos substancialmente definidos.

Tomando as notas de Saussure, na obra de Culler (1979), exemplificamos:

A lei última da linguagem é, ousamos dizê-lo, a de que nada pode residir num único termo. Isto é uma consequência direta do fato de que os signos linguísticos não estão relacionados com o que designam, e de que, por isso, a não pode designar nada sem a ajuda de b e vice-versa; ou em outras palavras, ambos têm valor apenas pelas diferenças entre si, ou nenhum deles tem valor, em qualquer de seus constituintes, senão através dessa mesma rede de diferenças para sempre negativas. [...] Como a linguagem não consiste de nenhuma substância mas apenas da ação isolada ou combinada de forças fisiológicas, psicológicas e mentais; e como, não obstante todas as nossas distinções, toda a nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar dela são moldadas pela suposição involuntária de que há substância, não se pode evitar reconhecer, antes de tudo mais, que a tarefa mais essencial da teoria linguística será deslindar o estado de nossas distinções básicas. Não posso conceder a ninguém o direito de elaborar uma teoria evitando o

trabalho de definição, embora este procedimento conveniente pareça até agora ter satisfeito os estudos da linguagem (CULLER, 1979, p. 42-43).

Essas relações que unem os elementos linguísticos realizam-se em dois planos, cada qual produzindo valores diferentes desses elementos. Um é o plano do sintagma, o outro é o plano das associações. No plano do sintagma, dá-se a combinação de signos, que tem por sustentação os termos opostos entre si e que se encontram numa oposição espacial, coexistindo numa extensão linear e irreversível. Apresenta-se nesse plano a cadeia da fala. Assim, dois elementos não podem ser ditos simultaneamente, pois cada termo ganha seu valor em oposição ao que o precede e/ou ao que o sucede. O sintagma é, ao mesmo tempo, contínuo, fluente, encadeado; no entanto, só construirá sentido quando articulado. Desse modo, os termos estão unidos *in praesentia* e são atualizados nessa esfera do sintagma. Quanto ao segundo plano, o das associações (ou paradigmático – como mais tarde é chamado), cada elemento forma uma série mnemônica virtual. Aqui os termos estão unidos *in absentia*, ou seja, eles também ganham valor por serem aquilo que os outros não são e pelo que está ausente na relação com os outros signos, mas essencialmente se distinguem por oposição de elementos correlatos, não escolhidos e, portanto, ausentes.

Há, dessa forma, uma solidariedade do sistema ao qual esses signos pertencem: são relações de contraste que mantêm com os signos que os rodeiam (no eixo sintagmático), e as relações de oposição com os signos que podem comutar com ele (no eixo paradigmático), que põe em evidência a sua especificidade. Assim, conforme Bouquet (1997), uma mensagem é um fenômeno linguístico à medida que está articulada e estruturada a si própria numa referência horizontal e a um conjunto de escolhas possíveis que se encontram em relação de equivalência/oposição numa referência vertical. Eis o valor do signo linguístico.

Nos estudos sobre o valor do signo linguístico, seu caráter diferencial, ou seja, sua existência é condicionada pela existência dos outros signos com os quais estão em relação de interdependência, tanto no plano do significante quanto no do significado. Para Saussure, as operações necessárias à determinação de um signo linguístico pressupõem que o referido signo seja relacionado com outros e recolocado no âmbito de uma organização, pois – como sempre acreditaram os estruturalistas saussurianos – os elementos linguísticos não têm nenhuma realidade independentemente de sua relação com o todo. Nessas relações, identifica-se que o signo possui um valor, ou seja, de acordo como ele se institui

numa dada relação de elementos, ele possui um valor e não outro. Nos *Escritos*, Saussure (2002) afirma:

Seja qual for a sua natureza mais particular, a língua, como os outros tipos de signos, é antes de tudo, um sistema de valores, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno. Com efeito, toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social (SAUSSURE, 2002, p. 250).

Ou seja, essa reflexão deixa clara que a coletividade cria o valor. Deixa clara que a língua é social, caso contrário não existe. Nada existe fora dessa coletividade. E nessa coletividade estão os homens. Homens falando com outros homens. E, a partir disso, estaremos num outro patamar – o da enunciação. A seguir, um olhar para um lugar outro.

A língua: um lugar outro, o da enunciação

Iniciemos esta reflexão com duas metáforas advindas do encontro Saussure-Benveniste no que diz respeito ao lugar único que a língua ocupa na semiologia: “a língua, ou o sistema semiológico, qualquer que seja, não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar” (SAUSSURE, 2002, p. 248); “a língua aparece para mim como uma paisagem que se move (ela é o lugar de *transformações*)” (BENVENISTE, 2014, p. 194, grifo do autor).

Desde os *Escritos* até as *Últimas aulas*, muita linguística se fez se considerarmos os encontros e desencontros da genialidade desses dois grandes nomes. Guardados os (des)encontros entre Saussure e Benveniste – sobretudo quanto ao princípio de ligação entre significante e significado –, anunciamos esses dois nomes num gesto de relação cujas consequências desse ato mais contribuem do que desamparam para se pensar os problemas de linguagem. E dos vários encontros, destacamos dois que nos levam a esse lugar outro – o da enunciação: o primeiro deles é quanto ao método do objeto que funda a ciência linguística – o de que a língua é um sistema; o segundo é o de que a língua é patrimônio de uma coletividade⁹.

Assim, a imprevisibilidade do barco lançado ao mar, bem como a paisagem movediça que é a língua, nos desafiam a pensar esse curso da língua que encontra no

⁹ Entendemos a noção de coletividade, de Saussure, como sinônimo de sociedade no nível fundamental, de Benveniste; uma instituição, portanto, que nasce da mesma necessidade que a língua.

sistema seu lugar primeiro para daí significar num lugar outro: o da enunciação. Saussure é categórico ao afirmar que “é apenas o sistema de signos tornado coisa da coletividade que merece o nome de sistema de signos” e acrescenta: “ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho” (2002, p. 249, grifo nosso). A insistência de Saussure quanto ao aspecto social do signo já é suficiente para pensarmos a língua como um barco em alto mar, ou como o lugar de transformações, aspecto este enfatizado por Benveniste (2014) quanto ao problema do sentido em suas últimas palavras anunciadas no Collège de France. Isso porque, antes de a língua constituir um sistema de signos, ela se apresenta como um sistema de valores os quais garantem à língua um lugar único nos sistemas semiológicos.

E a que se deve esse lugar? Uma das noções mais caras dentro dos fundamentos saussurianos, o valor sígnico, é o que nos permite problematizar não a transição do signo ao discurso, porque sabemos da impossibilidade dessa tarefa, mas refletir acerca da “força social” (SAUSSURE, 2002) ou do “poder coesivo” (BENVENISTE, 2006b [1968]) que viabiliza pensar a língua numa relação absolutamente necessária com a sociedade, com a sobrevivência coletiva. Assim como só podemos saber se um barco assim se revela quando lançado ao mar, o signo só é possível de se constituir à medida que é aceito em suas condições sociais da vida humana. O aspecto semiológico, portanto, só é válido quando em sua constituição se admite a coletividade social como um de seus elementos internos.

Um ano antes de propor uma *Semiologia da língua*, Benveniste (2006c [1968], p. 97) apresenta, no Convegno Internazionale Olivetti, alguns fundamentos a partir dos quais podemos pensar a relação entre língua e sociedade. O primeiro deles é tomar “língua e sociedade em sincronia e numa relação semiológica”: a de interpretante e interpretado, e a língua é o interpretante da sociedade, porque ela contém a sociedade. O segundo diz respeito ao lugar da língua quanto à análise da sociedade, qual seja: a língua enquanto sistema. Tanto que, sob as condições da língua em si, “os homens que falam não são nunca testemunhas da mudança linguística”¹⁰.

¹⁰ Essa autonomia da língua enquanto sistema nos reporta à leitura que Agamben (2008) realiza quando da distinção entre arquivo e testemunho na obra *O que resta de Auschwitz*. Sob uma concepção ética de sujeito, Agamben (2008) recupera um dos princípios da linguística saussuriana de que não existe nada que possa prever o funcionamento da língua, uma vez que esta se apresenta como um conjunto de signos já estabelecidos anteriormente a qualquer ato da palavra. A língua se encontra, então, entre uma possibilidade de acontecer em um sujeito. É pelo sujeito que a língua pode ou não ter existência ou um lugar.

Conforme Benveniste (2006b [1968], p. 99), a língua funciona como uma “máquina de produzir sentido”, característica esta a partir da qual podemos interpretar a sociedade em razão de sua própria estrutura. Ora, não é a língua que produz sentido. É o sentido que faz existir a língua. Assim como a língua, a sociedade, por ser próprio de sua natureza um complexo de experiências, também se apresenta como um barco em alto mar. É impossível prever sua trajetória.

Ao abordarmos esse lugar outro da língua, tomando como base as reflexões de Benveniste entre 1968 e 1969, podemos visualizar duas abordagens distintas da língua, mas que deságuam em um fator comum cuja reiteração é válida: a língua é um “sistema de valores”. Primeiro, em *Estrutura da língua e da sociedade*, a ênfase recai sobre a relação necessária entre língua e sociedade em que ambas são tomadas numa relação semiológica – de interpretante e interpretado. Temos aqui uma noção embrionária do princípio de interpretância da língua, o qual será desenvolvido mais largamente, num segundo momento, em *Semiologia da língua*. Nesse particular, Benveniste (2006c [1968], p. 55) não toma a língua apenas como interpretante da sociedade – como no texto de 1968; o autor a eleva a “uma situação particular no universo dos signos” porque a língua é “o interpretante de todos os outros sistemas linguísticos e não linguísticos”. E a que se deve essa condição?

Afastando-se das noções peircianas sobre a natureza do signo, Benveniste (2006c [1968]) filia-se a Saussure para propor uma semiologia que é da língua. É nesse ponto que Benveniste vai além do mestre genebrino, já que não se limita apenas a mencionar outros sistemas que não se identificam com as propriedades linguísticas. Para Benveniste, o cerne da questão está em considerar as “relações” entre os sistemas como objeto da semiologia. Além disso, assevera que, para além das generalidades não esclarecidas, o fundamental é definir o “valor do signo nos conjuntos nos quais se possa estudá-lo” (2006c [1968], p. 51).

Essa realidade já é anunciada no *Curso* quando Saussure aborda a noção paradoxal do valor linguístico, o qual é constituído por: “1º uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas *semelhantes* que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa” (SAUSSURE, 2006, p. 134, grifo do autor). Assim, se apenas à língua é possível conferir a possibilidade de interpretante porque ela constitui um sistema, o valor linguístico “só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora [da língua]”, isto é, nas relações do discurso (SAUSSURE, 2006, p. 134). Tomemos o próprio exemplo de Saussure: não se pode imediatamente fixar um valor à

palavra “sol” sem considerar o que a circunscreve; isso porque “línguas há em que é impossível dizer ‘sentar-se ao sol’” (SAUSSURE, 2006, p. 135).

Vejam que é o próprio Saussure quem anuncia a impossibilidade de estabelecer o valor do signo longe das circunstâncias de uso que o definem. O que é preciso distinguir, portanto, está na dupla significância da língua: o semiótico e o semântico. A propriedade de a língua ser significante não se abrevia apenas ao fato de ela ser o sistema mais comum, aquele que tem o campo mais amplo, o mais frequentemente usado e – na prática o mais eficaz. Benveniste ressalta que é exatamente o oposto: essa condição da língua ser o interpretante de todo sistema significante “é uma consequência, não uma causa de sua preeminência como sistema significante, e somente um princípio semiológico pode explicar essa preeminência” (2006c [1968], p. 64).

Diferente é o plano semântico, e é aí que a língua se mostra como uma paisagem que se move. Do lugar da língua enquanto signo para o lugar outro que é a enunciação não se tem uma passagem, mas sim dois domínios diferentes: o semiótico e o semântico. A base significante precisa ser *reconhecida* pela sociedade, trata-se apenas de uma possibilidade de ser língua, ou o “material necessário da enunciação” (BENVENISTE, 2006c [1968], p. 65). O domínio semântico deve ser *compreendido*, já que implica, a cada ato de apropriação, uma enunciação nova e, conseqüentemente, um novo valor. Essas duas dimensões a partir das quais a língua se articula possibilita “sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalingüística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas” (BENVENISTE, 2006c [1968], p. 66).

Conforme Benveniste (2014, p. 192), “a doutrina saussuriana cobre apenas, sob as espécies da língua, a parte semiotizável da língua, seu inventário material”. Um enunciado adquire sentido somente numa situação específica, que, “ao mesmo tempo, configura essa situação” (BENVENISTE, 2014, p. 193). Afinal, *o homem está na língua*. Não existe homem sem língua, nem língua sem homem, sem sociedade. É nesta sociedade, pela língua, que os signos ganham sentido e constroem cultura: tudo aquilo que desenvolve o homem, principalmente, pela linguagem num aqui-e-agora.

Últimas palavras

Retomemos o questionamento de Saussure (2002, p. 127) na Primeira Conferência ministrada em Genebra, em 1891: “Vocês pensam seriamente que o estudo da linguagem teria necessidade, para se justificar ou para se desculpar por existir, de provar que é útil às outras ciências?”. Saussure não admite que essa questão seja justificada. Fazê-lo seria “recusar a ela [à Linguística] um objeto próprio”. É Saussure também quem afirma que a “linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, suas faculdades nativas” (2002, p. 128).

Este texto teve como objetivo recuperar alguns conceitos advindos da linguística saussuriana para, então, pensar a língua nesta conjuntura: *Ferdinand de Saussure: a um passo da enunciação*, proposta por Émile Benveniste em *Semiologia da língua*.

Estar em 1969 e olhar para trás – sobretudo os *Escritos* – nos faz perceber desde sempre a presença do homem na língua. Faz-nos perceber que a língua enquanto sistema não se abrevia à sua matéria significante, porque ela é um sistema de valores, os quais só têm razão de ser quando postos à prova na coletividade. Olhar para trás a partir do lugar outro – o da enunciação – nos faz perceber uma figura saussuriana que esteve a um passo da enunciação, porque o homem esteve desde sempre presente em seu pensamento sobre a língua. Seu método o inscreve no terreno da língua, do sistema, a partir do qual a Linguística passa a ter um *objeto digno*. Mas Benveniste o encontra com a proposta de uma semiologia de “segunda geração”, pautada não pela noção saussuriana do signo, mas pelo discurso, pelo fundamento da subjetividade, pela inserção do homem na linguagem, no mundo, na sociedade, no discurso.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENVENISTE, Émile. Estruturalismo e linguística. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2 ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006a [1968], p. 11-28.

_____. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2 ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006b, p. 93-104.

_____. Semiologia da língua. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 2 ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006c, p. 43-67.

_____. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Trad. Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Ed. da Unesp, 2014.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CULLER, Jonathan. **As ideias de Saussure**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.

DE MAURO, Tullio. Notas. **Cours de linguistique générale (Ferdinand de Saussure)**. Publié par Charles Bally et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris: Grande Bibliothèque Payot, 1967.

DEPECKER, Loïc. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. **Curso de linguística geral**. 27 ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. Organização Charles Bally, Albert Sechehaye. Colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2006.

Abstract

*This work aims to discuss the concepts of langue, langage and sign from a semiological conception involving the meeting of two great names of modern linguistics: Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste. The theoretical contribution that supports this reflection is constituted by the *Escritos de Linguística Geral* and by the *Curso*, as well as by the articles *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* and *Semiologia da língua*, which are found in the second volume of *Problemas de Linguística Geral*. The intended path seeks to show that man's presence in langue and langage occurs long before Benveniste takes langue as a social practice. Although Saussure's dedication to the study of langue as a unit of a system that founded linguistic science ensuring its epistemological autonomy, his writings, especially the discussions focused on the value of the sign, cause us to distance ourselves more and more of readings that insist on conceiving linguistics only tied to the significant matter of langue.*

Keywords: *Sign. Langue and langage. Semiology of the langue. Enunciation*

Recebido em: 29/04/2018.

Aceito em: 25/05/2018.